

Os lateres «*ex of(ficina) Vincinti*» do Sul de Portugal

Maria Manuela Alves Dias * e António M. Monge Soares **

Resumo

Com o recente achado (1985) em Serpa de um exemplar completo dum ladrilho (*later*) que tem nas quatro faces da espessura a marca *ex of(ficina) Vincinti* foi possível fazer a associação, e sua identificação, com dois outros fragmentos de ladrilhos da mesma produção encontrados anteriormente, um também em Serpa, 1963, e um outro em Beja, na década de 50. Depois de considerar algumas circunstâncias da técnica de produção da marca, a cronologia tardia e a distribuição dos achados deste material tão raro, atribui-se-lhe uma fabricação e utilização locais, esta última com alguma disseminação regional por ambas as margens do Guadiana.

Abstract

A recent find (Serpa 1985) of a complete stamped brick ex of(ficina) Vincinti can be linked to some also stamped brick fragments already known (Serpa 1963 and Beja ± 1956); the local distribution, the chronology and, namely, the stamp making technology of this rare type of bricks are considered in this short paper.

* Av. Madrid, 24, 2º, dtº, P-1000 Lisboa

** Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial. Instituto de Ciências e Engenharia Nuclear. Departamento de Química. P-2685 Sacavém

Em Serpa, durante as lavouras que se fizeram junto à Quinta de D. Luís, em 1985, foi encontrado um tijolo que apresentava, moldada em relevo, nas quatro faces da espessura, a marca do produtor, e que, logo, foi oferecido ao Museu Municipal de Arqueologia de Serpa.



Este tijolo, com formato de largo e grosso ladrilho (de 39,5 x 28,6 x 6,4 cm de espessura), encontra-se completo, embora apresente algumas feridas feitas pela charrua que também o fragmentou pelo meio; na sua superfície, de cor laranja fortemente avermelhada, não se notam quaisquer restos de argamassa; o núcleo da pasta é acinzentado apresentando elementos não plásticos quartzosos, de grão médio e grosseiro. Entre os cantos opostos de uma das duas superfícies maiores, que foi, aliás, cuidadosamente alisada, observam-se dois sulcos digitais cruzados a meio, em forma de aspa que, como é sabido, é um motivo muito vulgar em *lateres* e *tegulae* romanas, e de períodos até bem posteriores. O facto de esta peça apresentar a marca, em relevo, nas quatro faces menores, isto é, na

espessura ¹, sugere ter sido fabricada num molde, em negativo dextrorso (e não sinistroso como seria conveniente para leitura da estampagem), com letras de 0,6 cm de profundidade, produzindo-se portanto, assim, a correspondente impressão em relevo das letras no tijolo; um exame atento destas letras indica que o molde, ou então as faces impressoras deste (admitindo que se tratava de um jogo de duas cantoneiras ou da conjugação de quatro réguas), devia ter tido já bastante uso ou, muito melhor talvez, a sua produção como molde correspondeu a um talhe rude que não foi de modo nenhum uniforme, já que se observam notáveis diferenças de impressão das letras consoante os lados, como, por exemplo, uma ligação entre o *i* e o *n* em duas faces apenas e uma altura bastante menor do módulo das letras numa das faces.

As letras das moldagens estão invertidas em todas as faces, caso que não é novidade na aplicação de marcas cujas matrizes, incauta, ingénua ou, até talvez, propositadamente, produzidas em negativo dextrorso, originam uma moldagem em que, evidentemente, todas as letras se apresentam em leitura invertida ².

Altura das letras moldadas: entre 3 e 5 cm.

Assinalam-se os nexos *ex*, *fu* (e *fvi*) e *ci*.

Nos *ff* de *OF(ficina)*, faltam sistematicamente as barras horizontais menores, e num dos lados falta mesmo o *f* da abreviatura. Estas faltas parecem dever-se a perda da substância plástica por deterioração da mesma.

Note-se que o texto regista o genitivo de *Vincintus*, uma das corruptelas ³ do antropónimo latino de natureza cognominal, *Vincenti*, de que a mais vulgarizada, e que se generalizou no baixo latim medieval peninsular, foi *Vicentius* conhecida pelo menos desde o ano de 482 ⁴.

O local do achado, que tem abundantes nascentes de água, situa-se muito próximo do Guadiana e nele deve ter tido assento uma *villa* romana; à superfície encontram-se muitos fragmentos de cerâmica de construção, bem como de

¹ Do mesmo modo como se apresenta o texto da marca dos produtos farmacêuticos de *Magillius* de *CIL*, XIII, 3, 10021, cf. CAGNAT, R. — *Cours d'épigraphie latine*, 4ème ed., Paris, 1914, p. 364.

² Cf., *v. g.*, *CIL*, II, 4967 ⁸ e 4967 ²² (*tegulae*) e, *infra*, notas 6, 7 e 9.

³ A sílaba — *cin* — deve ter sofrido uma assimilação da sílaba anterior *Vin* —, facilitada pela frequência das muito vulgarizadas trocas de *i* por *e* no latim vulgar hispânico (sobretudo quando em hiato vocálico, *v. g.*, *vinia* por *vineia* e *lintium* por *linteum*, cf., CARNOY, A. — *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*. Bruxelles, 1906, p. 38-42) e, aqui, decerto mais ainda, pela dupla nasalização e por o nome começar por uma consoante que é uma semivogal.

⁴ *IHC*, 42, de Medellín, Cáceres; anteriormente a este e de território português, temos, do início do século IV, *Vi(n)centius episcopus Ossonobensis*, a fazer fé no rigor hipotético da transmissão paleográfica do texto do Concílio de Elvira, cf., *v. g.*, VIVES, J. — *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Barcelona, 1963, p. 1 e SUBERBIOLA MARTINEZ, J. — *Nuevos Concilios hispano-romanos de los siglos III y IV. La colección de Elvira*. Málaga, 1987. Geograficamente o mais próximo *Vincenti* conhecido parece ser o da inscrição funerária de basílica paleocristã do Rossio do Carmo de Mértola, datada de 26 de Outubro do ano de 556, cf., DIAS, M. M. Alves; TORRES, C. — *Inscrição funerária de Vincentius*. «Ficheiro Epigráfico» 9, 1984, p. 10-11, nº 38. Onomasticamente *Vincenti* é um antropónimo característico do Baixo Império, cf. SOLIN, H. — *Die innere Chronologie des römischen Cognomens*, in «L'Onomastique latine». Paris, 1977, p. 137, pelo que uma avaliação cronológica destes tijolos deve ter isto obrigatoriamente em conta.

cerâmica comum e de alguma *terra sigillata* clara (C e D ?), não se encontrando, numa pequena amostragem recolhida, quaisquer fragmentos de cerâmica do tipo de «paredes finas», ou de *terra sigillata* itálica, sudgálica ou hispânica, o que parece indicar uma datação relativamente tardia para os achados de superfície neste local ⁵.

Já em 1963 tinha sido achado por J. Fragoso de Lima, no Outeiro de Santa Margarida, também no concelho de Serpa, um outro fragmento de um tijolo semelhante a este que, nesse mesmo ano, foi noticiado por este arqueólogo ⁶ e que hoje pertence igualmente à colecção do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa.

Muito possivelmente também terá existido uma *villa* romana no Outeiro de Santa Margarida; aqui, à superfície, o material romano, sobretudo pedras afeiçoadas, *tegulae* e *imbrices*, dispersa-se por grande extensão, entre a ermida de Santa Margarida e um «monte alentejano» situado na extremidade noroeste da colina; na construção de ambas as edificações reutilizaram-se materiais pétreos e cerâmicos romanos e é da última que provém o fragmento de tijolo recolhido por J. Fragoso de Lima.

Por volta de 1955, ou um pouco depois, Abel Viana encontrou um outro fragmento de tijolo deste tipo ⁷ na Horta do Martinho, junto a Beja, e que deve estar no Museu Regional Rainha D. Leonor desta cidade; devido às remodelações que este museu de Beja tem sofrido não nos foi possível encontrá-lo e, muito menos, examiná-lo; contudo, pela observação da fotografia da publicação de Abel Viana (e pela indicação das dimensões), é indiscutível que se trata de um destes tijolos saídos do mesmo molde do da Quinta de D. Luís e do Outeiro de Santa Margarida, Serpa.

Materiais de construção com marca do nome (inicialmente em nominativo) do produtor e, mais tarde, da oficina (em genitivo primeiro e depois, muito mais tarde, com regência de *ex of.*) são conhecidos na Itália da Roma republicana desde época muito recuada, recordem-se, por exemplo, os *lateres coctiles* fabricados e utilizados na Gália Cisalpina até cerca de 50 a.C. ⁸.

Estes *lateres* achados em Beja e Serpa têm o seu mais próximo parente morfológico nos *lateres* do Museu Arqueológico Nacional de Madrid (vindos de uma importante colecção sevilhana) e nos do Museu Arqueológico de Córdoba, todos com o mesmo texto que é o da saudação paleocristã, *salvo Ausentio vi-*

⁵ Sobre as mais importantes *villae* do concelho de Serpa cf. GORGES, J.-G. — *Les villas hispano-romaines. Inventaire et Problématique archéologiques*. Paris, 1979, p. 476.

⁶ LIMA, J. Fragoso de — *A estação romana de Santa Margarida (Serpa)*. «Jornal de Moura», nº 1549, de 8 de Setembro de 1963, e nº 1552, de 28 de Setembro de 1963 (= ID. — *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*. [Moura], 1984, p. 448-464).

⁷ VIANA, A. — *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*. «Arquivo de Beja», XIV, 1957, p. 17 e est. III, 78.

⁸ Cf., v. g., RIGHINI, V. — *Lineamenti di storia economica della Gallia Cisalpina: la produttività fittile in età repubblicana*. Bruxelles, 1970, p. 22 e 35-52. Cf. também, VITRUV., II, VIII, 9 e, ainda, FAVENTIN., 11, in PLOMMER, H. — *Vitruvius and later roman building manuals*. Cambridge, 1973, p. 56, 57 e 94.

vas Fortunio, e dados a conhecer internacionalmente por E. Hübner⁹. Este tipo de lateres, com texto repetido nas quatro faces da espessura, encontram-se, tanto quanto sabemos, unicamente representados na Península Ibérica pelos exemplares procedentes de Córdova e por estes três exemplares achados no território português; para eles não encontrámos qualquer paralelo nem nas marcas tardias do material laterício de Ostia nem nas do de Sirmium¹⁰.

A ideia de a localização do texto *ex officina Vincinti* na espessura do tijolo poder significar que estes fossem tijolos «de conto» (para serem, por exemplo, intercalados numa empilhagem) parece não dever ser considerada, dado que, na superfície das faces maiores de alguns exemplares do tipo cordovês¹¹, se observa impresso o texto *salvo Ausentio* que, quando assim, não se encontra na espessura; é evidente que se deve ter em conta que, no caso dos materiais



Fig. 1 — O texto *ex of Vincinti* nas quatro espessuras do later da Quinta de D. Luís, Serpa.

⁹ IHC, suppl., 436 (=CIL II, 6253³) e VIVES, J. — *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona, 1969, p. 139, nº 408. O mais recente estudo sobre este material é o de MARCOS POUS, A. — *Letros de ladrillos cordobeses con la formula cristiana antigua «salvo Ausentio»...* «Corduba Archaeologica» 11, 1981, p. 47-68.

¹⁰ SUOLATHI, J., e outros. — *Lateres signati ostienses*, 1 e 2 (= «Acta Instituti Romani Finlandiae» VII.1 e VII.2), Roma, 1978 e 1977, e MILOSEVIC, A. — *Roman brick stamps from Sirmium*. «Sirmium» I, Beograd, 1971, p. 95-118, respectivamente.

¹¹ Cf., MARCOS POUS — *Op. cit.*, p. 61 (v. nota 9).

de território português, se trata claramente de uma marca de produção e não de um curto texto, com maior ou menor carga religiosa, como é o caso dos *lateres* cordoveses. Também a ideia de um tijolo deste tipo ser, ele próprio, uma peça marcadora, isto é, impressora da marca *ex of. Vincinti*, não nos parece, de todo, ser de considerar, dada a existência em lugares distintos dos três exemplares. Quanto à forma como seria aplicado um tijolo assim, numa pavimentação, numa construção em altura, numa qualquer edificação em que se usasse *opus latericium*¹², nada podemos adiantar por enquanto.

De qualquer forma, este achado da Quinta de D. Luís, em Serpa, confirma geograficamente, nas duas margens do Guadiana, a área de dispersão deste tipo de material tardio tão raro, e aponta para uma localização do centro produtor cerâmico, talvez, na margem esquerda, nas proximidades da actual Serpa.

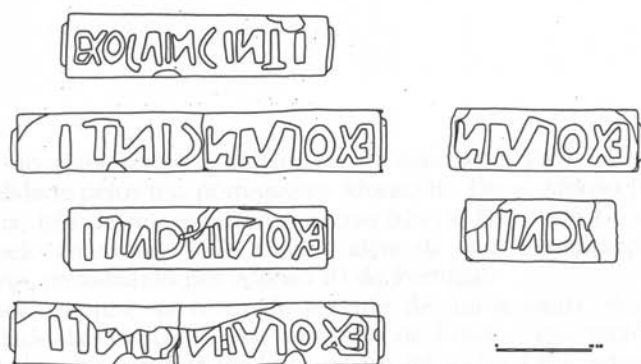


Fig. 2 — As quatro espessuras do *later* da Quinta de D. Luís; à direita, duas das espessuras do *later* do Outeiro de Santa Margarida, alinhadas, onde se observa a identidade paleográfica dos textos da marca.



Fig. 3 — A identidade das legendas nos *lateres* de Serpa; o do Outeiro de Santa Margarida em baixo.

¹² Cf., v. g., BELTRAN, A. — *Arqueologia Clásica*, Madrid, 1950, p. 516-521 e, *supra*, nota 8.

The first step in the synthesis of the polymer is the reaction of the monomer with the initiator. This reaction is exothermic and proceeds rapidly at room temperature. The resulting intermediate is then treated with a series of reagents to yield the final product. The reaction conditions are carefully controlled to ensure high yields and purity of the polymer. The final product is a high-strength, flexible material with excellent thermal stability.

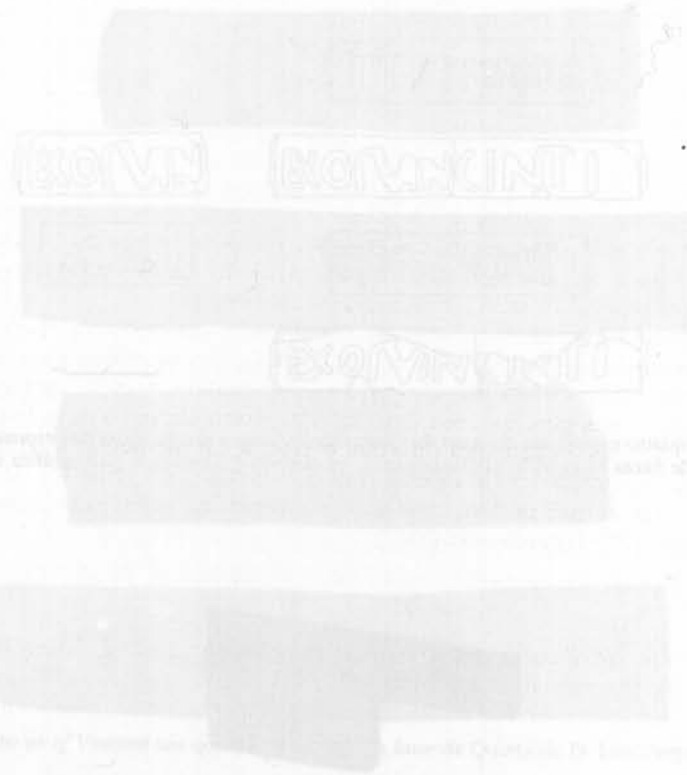


Fig. 1. Synthesis of the polymer. (a) Monomer; (b) Intermediate 1; (c) Intermediate 2; (d) Intermediate 3; (e) Final product.

1. J. H. Duerksen, *J. Polym. Sci. A-1*, **10**, 1025 (1972).
 2. J. H. Duerksen, *J. Polym. Sci. A-1*, **11**, 1025 (1973).
 3. J. H. Duerksen, *J. Polym. Sci. A-1*, **12**, 1025 (1974).
 4. J. H. Duerksen, *J. Polym. Sci. A-1*, **13**, 1025 (1975).
 5. J. H. Duerksen, *J. Polym. Sci. A-1*, **14**, 1025 (1976).